

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE



RITUAL

Padrão de vida
Life pattern

"CIRCE" DE/BY NEELTJE DE VRIES

PORTUGAL CONT. 10,00€ · BE/F/R/NL/IT/ESP/GR 13€ · DE 14€ · UK £10 · Suisse 16 CHF · Morocco 110 MAD · USA 24,95\$ · Canada 24,95 CAD / Bimestral



Cecília

Cecília Costa recebe-nos sempre com um sorriso e uma calma que descreve a sua forma de estar, uma artista com uma trajetória entre a Matemática, disciplina que cursou na universidade e que continua a leccionar, e o universo da arte.

Nesta linguagem espacial que tão bem compreende e domina, os desenhos e esculturas de Cecília Costa exploram práticas muitas vezes próximas da arquitetura e da abstracção.

Os seus *ateliers* têm tido as moradas nas ruas de Lisboa, e recentemente mudou-se para um novo espaço de média dimensão, de pé-direito duplo e com luz que permite trabalhar com a generosidade do sol.

As figuras de Cecília Costa, que puxam pelas linhas numa construção de ideias, como *Elastic Feelings* ou *Inverted Portraits* criam alguma perplexidade, inquietação, angústia e também identificação. O desenho, um dos seus meios mais explorados, comunica de uma forma muito intuitiva e directa com o espectador. Na obra da artista deve ser sublinhado um meio de trabalho muito característico seu, onde a fita-cola de papel amarela, frequentemente utilizada nas obras de construção civil, na marcenaria e noutros ofícios, é utilizada para criar com a grafite superfícies de desenho, que oscilam entre a bidimensionalidade e a tridimensionalidade.

A escultura no seu trabalho é tratada com subtilidade, com pequenos gestos, como quem desvia só meros graus o caudal de um rio, transformando seriamente a paisagem. Nesta analogia vejo sempre o trabalho de Cecília Costa na sua simplicidade formal e na sua enorme complexidade conceptual. A sua obra cria espanto sem grande aparato, mas de uma forma intrépida e sagaz.

Cecília Costa always welcomes us with a smile and a quiet manner that defines her way of being, an artist with a trajectory between Maths — a discipline that she studied at university and continues to teach — and the world of art.

In this spatial language that she understands and commands so well, Cecília Costa's drawings and sculptures explore practices that are often close to architecture and abstraction.

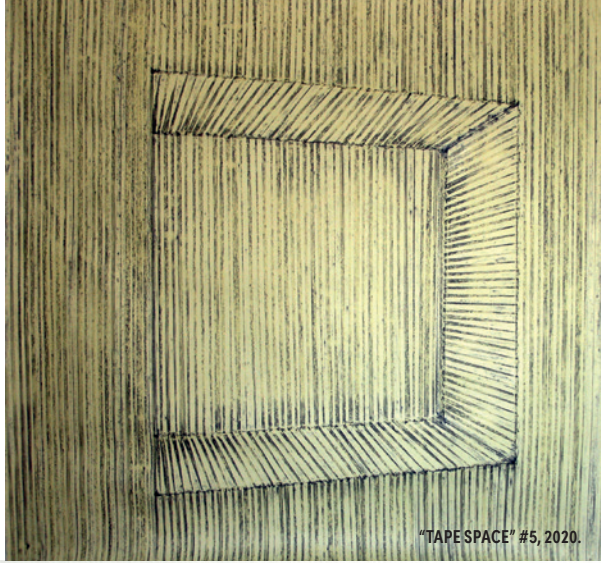
Her studios have been located in various parts of Lisbon, and she has recently moved to a new medium-sized space, with double-height ceilings and light that allows her to work in the generous sunlight.

Cecília Costa's figures, which are driven by lines in a construction of ideas, such as *Elastic Feelings* or *Inverted Portraits*, generate a certain perplexity, disquiet, anguish and, even, identification. Drawing — one of the media she has explored the most — communicates in a very intuitive and direct way with the viewer. One of her most characteristic work methods is the use of yellow masking tape, which is often used in construction work, carpentry and other trades, to create drawing surfaces with graphite that oscillate between two- and three-dimensionality.

Sculpture is handled subtly in her work, with small gestures, like someone who diverts the flow of a river by just a few degrees, while seriously transforming the landscape. Through this analogy, I always see Cecília Costa's work in terms of its formal simplicity and its enormous conceptual complexity. Her work creates astonishment without showiness, but in an intrepid and shrewd way.

Costa





"TAPE SPACE" #5, 2020.

"UNTITLED #2" DA SÉRIE/FROM THE SERIES "ELASTIC FEELINGS", 2015.



"ALCHEMIZING THE DAMAGE", 2022.



VISTA DO ATELIER/VIEW OF THE ATELIER

"TAPE PENDING" #1, 2010.



VERÓNICA DE MELLO (VDM): **A sua formação inclui o estudo tanto de Matemática como de Artes Visuais. Como é que esses campos aparentemente distintos influenciam e formaram a sua prática artística, especialmente em termos de princípios geométricos e dimensões espaciais?**

CECÍLIA COSTA: Embora em pequena estivesse sempre a desenhar e a pintar, segui os estudos em Matemática porque achei responderem melhor aos meus interesses e inquietações da altura. Inicialmente, a arte nunca foi uma hipótese. Foi experimentando os vários lugares de estudo que percebi qual era o meu lugar. Percebi que as questões que realmente me interessavam não tinham uma resposta e que as inquietações não eram para ser aquietadas. Quando desisti da urgência de respostas e da ansiedade em acertar, a arte surge então não apenas como uma alternativa mas também como a melhor das hipóteses. Um lugar onde posso perguntar sem responder e experimentar sem ter de acertar. Um meio livre, nada seguro e bastante esquivo até. É nesse lugar que coloco muitas questões, inicialmente nada formais, nada geométricas. Por exemplo, o meu interesse pela simetria está muito mais na distinção esquerda-direita, inerente à condição humana por sermos bilateralmente simétricos, e de como essa dualidade minou toda a cultura, do que pelo princípio geométrico em si. Creio que as minhas inquietações não são oriundas da Matemática, mas sim do mesmo princípio gerador onde esta, e outras ciências, vão buscar as suas questões.

VDM: **O Seu trabalho frequentemente incorpora uma variedade de materiais, incluindo água, gelo, hélio, fita-cola e mobiliário. Como escolhe esses materiais e qual o papel que desempenham na transmissão do conceito?** Os materiais surgem sempre como um meio pois é assim que eu vejo a matéria, um veículo, um suporte que se adequa a um propósito. Inicialmente parece até que não têm absolutamente nenhum protagonismo. É no fazer que percebo que afinal não é nada assim e, muito facilmente, cedo ao fascínio pelos materiais, pela resistência que oferecem na sua prestação, por ser contrariada e ter de lidar com isso, pela constante surpresa de ter de alterar o curso que já havia antecipado. É aí que existe um diálogo, uma negociação entre as ideias e a sua concretização. Entre o conceptual e o formal.

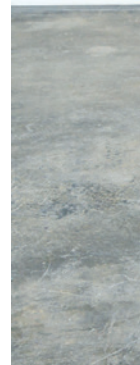
VDM: **Qual a relação com o atelier? É importante a sua localização ou dimensão? O trabalho só é produzido nesse local?** O atelier é uma espécie de refúgio iluminado. Muita luz e, embora organizado, nunca doméstico. Trabalhar em casa, jamais! É ideal que seja a uma curta distância de casa, que a possa percorrer a pé, preferencialmente no mesmo bairro mas não na mesma rua. Pode ser pequeno, concentro-me mais, mas com um pé-direito razoável. Paredes lisas, limpas e livres, é aí que desenho. As dimensões suficientes para poder esticar-me, subir a um escadote, e ao desenhar sentir o espaço e a possibilidade de uma escultura. Tenho de conseguir dançar com a fita adesiva e com o carvão. E assim acabei de descrever o meu novo espaço de trabalho. Trabalho com várias pessoas que me ajudam nas esculturas e, assim sendo, boa parte do trabalho em escultura, que tecnicamente me é mais difícil de executar, é feito numa oficina fora do atelier.

VERÓNICA DE MELLO (VDM): **Your background includes studying both Maths and visual arts. How have these seemingly separate fields influenced and shaped your artistic practice, especially in terms of geometric principles and spatial dimensions?**

CECÍLIA COSTA: Although I was always drawing and painting as a child, I went on to study Maths because I thought it best suited my interests and concerns at the time. To begin with, art was never an option. It was by experimenting with different places of study that I figured out where I belonged. I realised that the questions that truly interested me didn't have an answer and that my concerns weren't meant to be stifled. When I gave up the insistence on answers and the anxiety about getting it right, art emerged not only as an alternative, but also as the best of all possibilities. A place where I can ask questions without having to answer them, and experiment without having to get it right. A free medium, not at all safe and even quite elusive. It's in this place that I raise many questions, which at first aren't at all formal or geometric. For example, my interest in symmetry lies much more in the left-right distinction, inherent to the human condition because we are bilaterally symmetrical. I'm interested in how this duality has undermined the whole of culture, rather than in the geometric principle itself. I believe that my concerns don't come from Maths, but from the same generating principle where Maths and other sciences find their questions.

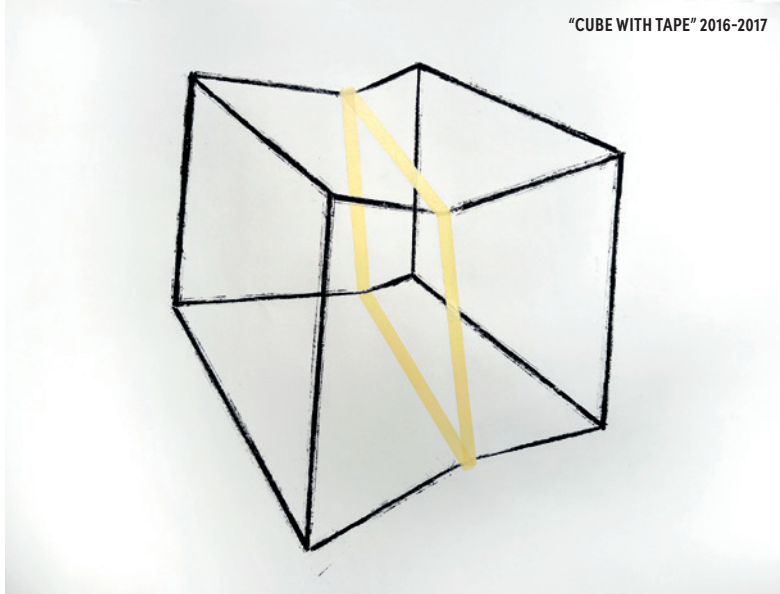
VDM: **Your work often incorporates a variety of materials, including water, ice, helium, adhesive tape and furniture. How do you choose these materials and what role do they play in conveying the concept?** The materials always emerge as a medium because that's how I see matter: a vehicle, a support that suits a purpose. At first, it's as though they absolutely don't play any role. It's in the making that I realise that it's not like that after all, and I easily become fascinated by materials, by the resistance they offer in their performance, by being contradicted and having to deal with that, by the constant surprise of having to change the course I had been anticipating. This is where there is a dialogue, a negotiation between ideas and their realisation. Between the conceptual and the formal.

VDM: **What is your relationship with the studio? Is its location or size important to you? Is the work only produced there?** The studio is a kind of illuminated refuge. Lots of light and, although it's organised, it's never a domestic place. Never work from home! Ideally, it should be within walking distance of home, preferably in the same neighbourhood but not on the same street. It can be small — I concentrate better — but, with a reasonable ceiling height. Walls that are smooth, clean and free, that's where I draw my lines. Big enough to be able to stretch out, climb a ladder, and feel the space and the possibility of a sculpture as I draw. I have to be able to dance with the adhesive tape and the charcoal. And that's how I have just finished describing my new workspace. I work with several people who help me with the sculptures and so a lot of the sculpting, which is technically more difficult for me to do, is done in a workshop outside the studio.





"CLOSER" 2017



"CUBE WITH TAPE" 2016-2017



CECÍLIA COSTA

SABINA WLANDIS & VDM: **Desenho e escultura parecem ser os seus meios mais utilizados, descritos como mutuamente dependentes. Poderia elaborar sobre como essas duas formas de expressão interagem no seu processo artístico e por que continuam a ser centrais na sua prática?** É precisamente o limbo entre o desenho e a escultura o que mais me inspira. Entre a segunda e a terceira dimensão. Uma espécie de terra de ninguém, entre a possibilidade e a realização e onde reside o potencial. São muitas as vezes que penso numa escultura que se torna desenho, não avança mais e fica ali presa até eu decidir que afinal sempre foi um desenho. Por vezes, também acontece que todo o corpo de trabalho de desenho de uma dada altura se materializa em escultura, sem que isso tenha sido uma intenção inicial. As tais esculturas que não avançam e se ficam pelo papel, obrigam-me a trabalhar o desenho como se de uma escultura se tratasse. É por isso que gosto de materializar o traço do desenho com fita adesiva ou linhas de costura. Por outro lado, quanto menos material e mais bidimensional é a linha do desenho mais lhe tento impor as propriedades físicas da matéria. Ora ganha elasticidade, esticando e deformando, ora cede à tensão e se parte. ^Δ

SABINA WLANDIS & VDM: **Drawing and sculpture seem to be your most frequently used media, described as mutually dependent. Could you elaborate on how these two forms of expression interact in your artistic process and why they continue to be so pivotal in your practice?** It's precisely that limbo between drawing and sculpture that inspires me the most. Between the second and third dimensions. A kind of no man's land, between possibility and realisation and where so much potential lies. There are many times when I think of a sculpture that becomes a drawing, and then doesn't go any further and remains stuck there until I decide that it was a drawing after all. Sometimes, it also happens that the entire body of drawing work at a given time becomes a sculpture, without this having been the original intention. Those sculptures that don't progress and remain on paper force me to work on the drawing as if it were a sculpture. That's why I like to give material shape to the line of the drawing with adhesive tape or sewing thread. On the other hand, the less material and more two-dimensional the line of the drawing, the more I try to impose the physical properties of matter on it. Sometimes it acquires elasticity, stretching and deforming, sometimes it gives in to tension and breaks. ^Δ